

Viagem do Saber¹

Iracema ALVES²

Júlia GOMES³

Larissa MELO⁴

Elizabeth Duarte CAVALCANTE⁵

Faculdade Martha Falcão, Manaus, AM

RESUMO

O presente trabalho apresenta os fundamentos teóricos que norteiam o ‘Viagem do Saber’, um projeto de extensão de Comunicação Comunitária que leva acadêmicos de jornalismo a conhecer e desenvolver um produto, ação ou plano de comunicação junto a uma comunidade escolar, em um interior do Estado do Amazonas. Em sua primeira edição, no ano de 2012, o projeto efetivou a montagem de uma biblioteca na Escola Municipal José da Luz, em Manacapuru-AM. As atividades extracurriculares desta escola envolviam dança, capoeira, canto, fanfarra, grupos de violão, ou seja, já evidenciavam uma comunidade afinizada com projetos culturais. Em 2012, o projeto foi efetivado pelos acadêmicos do 7º período de jornalismo da Faculdade Martha Falcão.

PALAVRAS-CHAVE: Extensão; comunicação; comunidade; leitura.

INTRODUÇÃO

Para fazer comunicação comunitária é preciso entender primeiramente o conceito de comunidade, buscar a origem desse termo e fundamentar, em base teórica, qualquer trabalho de campo do gênero. Ferdinand Tönnies foi quem estudou a dicotomia comunidade/sociedade, para ele, comunidade (*gemeinschaft*) e sociedade (*gesellschaft*). Ele procurou distinguir ambos, de forma a deixar bem marcada a divisão dos dois conceitos, forjados em uma base bipolar. Tönnies descreve comunidade como algo bucólico, ideal, repleto de valores preciosos e coletivos; *locus* onde o homem, como ser gregário, procura se abrigar e se sentir acolhido. Já a sociedade é descrita como o espaço dos interesses distintos, um lugar de competição e busca de idealizações individuais.

¹ Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Produção Transdisciplinar. Modalidade Comunicação e Inovação.

² Aluna líder do grupo e estudante do 8º. Semestre do Curso de Comunicação Social, email: iracemasalves@gmail.com

³ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Comunicação Social, e-mail: cgomes.julia@gmail.com

⁴ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Comunicação, email: larissanapoles@gmail.com

⁵ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo e-mail: elizabethdcavalcante@hotmail.com

Ainda hoje é possível identificar a influência desse conceito dicotômico cunhado por Tönnies. A sociedade globalizada, cada vez mais tecnicista e individualizada, avança com os meios de comunicação que trazem inovações, ao mesmo tempo em que deixa cidadãos “saudosos” do contato interpessoal, de uma vida mais voltada à natureza, ao compartilhamento de ideais coletivos, daqueles ideais presentes na *gemeinschaft*. A tecnologia da Comunicação Mediada por Computador – CMC, aproxima, com frequência, amigos distantes, mas as horas dedicadas ao contato virtual “roubam” o tempo de relação com aqueles que estão mais próximos, ao “alcance das mãos”, gerando uma contradição típica da *gesellschaft* que é a de se estar mais perto de quem está distante e afastado de quem está perto.

Os valores comunitários, reconhecidos em Tönnies como confiança, compartilhamento, segurança, vizinhança, amizade, e que se refletem no espaço, na territorialidade, tentam ser resgatados pelos modernos projetos arquitetônicos de condomínios e bairros fechados, que nem sempre alcançam o objetivo para o qual foram criados.

Os sentimentos de *gemeinschaft* continuam fazendo parte da sociedade. Não evoluíram; eles são os mesmos outrora como na contemporaneidade, mas os seus lugares de referência, de partilha de interesses e ideais, são outros que não mais a praça pública ou alguma localidade distante da *pólis*; não mais, necessariamente, um sítio ou um campo, mas um lugar, até mesmo virtual, de compartilhamento. Um trabalho de campo de comunicação comunitária requer o conhecimento prévio desse lugar de referência, em outras palavras, da localidade, daquilo que tipifica o grupo; dos sentimentos de pertencimento ali envolvidos, a fim de que a aproximação não se torne uma intervenção “artificial”, uma imposição, gerando ações que não terão continuidade ou produtos que serão subutilizados ou depois abandonados.

A comunicação comunitária só pode, pois, ser compreendida sob a ótica do envolvimento da comunidade em si. Não podendo ser feita de forma aleatória, e muito menos, brusca. Conhecer e manter vínculos antes de desenvolver qualquer projeto em comunicação comunitária é essencial para o êxito. Segundo Peruzzo (2004), o cidadão precisa fazer parte do processo, já que a comunicação traz a proposta de transformação social:

a comunicação é mais que meios e mensagens, pois se realiza como parte de uma dinâmica de organização e mobilização social; está imbuída de uma proposta de transformação social e, ao mesmo tempo, de construção de uma sociedade mais justa; abre a possibilidade para a participação ativa do cidadão comum como protagonista do processo. (PERUZZO: 2004; p.02,03)

Ainda assim, imbuídos dos melhores desejos de proporcionar melhoria social, a presença de pesquisadores ou acadêmicos ou profissionais de comunicação que “coordenam os esforços” de uma comunidade em torno da produção de uma ação comunicativa ou de um produto de mídia, gera, em maior ou menor grau, uma intervenção, que pode ter seus efeitos artificiais minimizados.

Tal intervenção requer daquele que “vai a campo” o exercício do chamado “olhar antropológico”, despido um tanto mais de preconceitos e de sua conseqüente arrogância, ou ainda, aquele olhar que aproveita os próprios estranhamentos do pesquisador com a finalidade de gerar aproximação com a comunidade, e de contribuir para a noção de igualdade.

Conhecer técnicas e métodos para elaborar um produto midiático não coloca o comunicador pesquisador no lugar daquele que “ensina” a comunidade a produzir um programa de televisão, de rádio ou a desenvolver uma ação comunicativa. É ela, comunidade, que possui total condição de identificar sua necessidade de comunicação, de eleger sua melhor ação ou produto a ser desenvolvido, e é ela quem irá subsidiar o comunicador ou pesquisador na construção desse processo. Quem vive na comunidade precisa se sentir parte integrante e integrada no processo de comunicação, desenvolvendo, com naturalidade, a colaboração participativa. De igual modo, o pesquisador ou comunicador comunitário deve fazer parte da comunidade, ou, caso não faça, deve se aproximar de forma a que consiga as condições necessárias de dialogar com a comunidade.

Trabalhos de comunicação comunitária podem e devem contribuir para uma aproximação entre os cidadãos, a ponto de tornar qualquer membro da comunidade, também um comunicador. A vontade de transformação social precisa ser despertada em seus membros, pois quando sentirem que possuem a capacidade de serem agentes de transformação haverá uma mobilização social capaz de produzir as mudanças almejadas, em uma conquista adquirida por eles mesmos. Neste contexto, Peruzzo (2006: p.09) afirma:

(...) a comunicação comunitária se caracteriza por processos de comunicação baseados em princípios públicos, tais como não ter fins lucrativos, propiciar a participação ativa, ter propriedade coletiva e difundir conteúdos com a finalidade de educação, cultura e ampliação da cidadania.

Comunicar para e com o cidadão é uma das características chaves da comunicação comunitária. Em um trabalho desse gênero não deve haver exclusão, mas sim inserção, interligação (comunicadores e membros da comunidade), e assim, por meio de uma ação coletiva, resgatar e conquistar direitos para todos.

2 OBJETIVO

A realização de um trabalho de comunicação comunitária na Escola Municipal José da Luz, localizada no município de Manacapuru, a oitenta e quatro quilômetros da capital Manaus, se deu pelo fato da escola cumprir alguns pressupostos importantes do projeto de extensão Viagem do Saber:

1º Tínhamos, em nosso grupo, uma aluna líder do projeto (Júlia Gomes) que fazia parte daquela comunidade escolar, pois havia trabalhado lá, há pouco tempo, como voluntária ou monitora de letramento, realizando atividades lúdicas com os estudantes. Júlia estava envolvida com a realidade local, pois é moradora do município, e sabia da dificuldade no aprendizado dos alunos do ensino fundamental, da falta de recursos e ambiente adequado para se trabalhar fora do espaço da sala de aula; 2º a escola se localizava fora de Manaus, em uma cidade que permitiria ao grupo viajar e ter contato com uma “urbanidade” diferente daquela de seu dia a dia, de seus costumes, permitindo, assim, o exercício de adaptação e diálogo entre realidades diferentes.

Os primeiros contatos, através da aluna líder do projeto, deram conta de um ambiente escolar bastante voltado a projetos culturais como capoeira, música e leitura, sendo que a escola não possuía uma biblioteca, e as atividades voltadas para histórias infantis eram sempre realizadas em ambientes improvisados, e os livros, empurrados em estantes, misturados com outros materiais. Professores também sinalizaram alguma dificuldade de desenvolver atividades de reforço com crianças com dificuldade de aprendizagem na alfabetização.

Seguiu-se, assim, o surgimento de um objetivo natural - o de montar uma biblioteca naquele espaço onde as crianças -, grande parte delas ainda em processo de aprendizagem de leitura, pudessem ter acesso a conteúdos de qualidade e, principalmente, a um espaço apropriado, climatizado, em que os livros estivessem ao alcance de suas mãos, e onde existissem cadeiras e poltronas, bem como iluminação adequada, para a atividade de ler. Durante o período de doze meses realizamos: uma campanha de arrecadação de livros; uma visita de membros da escola (alunos, voluntários e direção) à Faculdade Martha Falcão – FMF; uma viagem de trabalho e uma outra viagem para a inauguração. Entrementes, os contatos por e-mail e telefone se fizeram constantes, especialmente na fase de estruturação do espaço, quando os alunos voluntários de projetos especiais da própria escola, mediram e desenharam o ambiente que receberia a biblioteca. O projeto Viagem do Saber entrou na

escola com a função de ampliar o acesso das crianças aos livros e, principalmente, enriquecer o conhecimento intelectual com a prática da leitura.

3 JUSTIFICATIVA

O ‘Viagem do Saber’ foi idealizado partindo da proposta de se desenvolver um produto de comunicação comunitária, através do qual os alunos praticassem uma abordagem interdisciplinar de campo, distante da sala de aula. O objetivo era também executar um trabalho que possibilitasse um exercício importante para o jornalista, que é o de travar um diálogo mais amplo, a partir do olhar do outro, e não apenas do seu, mergulhado em uma realidade distante do seu cotidiano.

Os trabalhos começaram ainda em fevereiro de 2012, durante a disciplina de Assessoria de Imprensa. Uma vez detectado o objetivo de montar a biblioteca, montou-se uma campanha institucional para a captação de livros. No segundo semestre, iniciaram-se os contatos mais constantes com a escola por meio de visita à FMF, dos contatos virtuais com os voluntários e com a direção da escola e das viagens em si. Nada se figurou mais oportuno à escola que a montagem da biblioteca, pois é através da leitura que podemos nos adaptar às mudanças que ocorrem na sociedade e obter informação:

A leitura faz com que o leitor entre num processo de participação dos valores culturais da humanidade! A pessoa que lê se torna mais consciente da realidade que a cerca, (*sic*) conseqüentemente se torna mais livre e tornando-se mais livre torna-se mais responsável e dentro de uma linha de evolução tornar-se-á mais feliz. (HOFFMAN *apud* SOUZA: 2009, p.15)

A intenção era contribuir de alguma maneira para o bom uso da informação. Que ela não fosse privilégio de uma minoria, tampouco usada incorretamente ou de maneira desleixada. Diante disso, e sabendo que para adquirir boa escrita e ampliar conhecimento é preciso leitura, a turma de comunicação social se viu frente a frente com uma ação social de comunicação comunitária que não era a de montar um programa de televisão ou de rádio, um jornal impresso ou um jornal mural, um fanzine, etc., mas sim a de encontrar os meios de captação de uma mídia impressa e fundamental para o aprendizado – o livro – e estruturar o seu espaço - uma biblioteca! Sem dúvida alguma, uma realidade inovadora e que possibilitou um crescimento de visão das duas partes (acadêmicos e dos estudantes e professores da Escola José da Luz). Um desafio!

O nome do projeto de extensão também nasceu em função desta primeira experiência - ‘Viagem do Saber’ -, pois o livro permite que o leitor faça uma viagem. Enquanto lê, passeia por lugares distantes, liberta a imaginação e aguça a criatividade.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Maciver e Page (1973) afirmam que “a comunidade é, pois, uma área de vida social assinalada por certo grau de coesão social. As bases da comunidade são localidade e sentimento de comunidade”. Com base nesse pensamento, a turma buscou conhecer, antes de qualquer coisa, a localidade, na qual seria implantado o projeto e visou esse sentimento, onde as relações sociais são mais próximas. No início, antes da decisão do que seria feito, houve muita discussão a respeito do que seria o produto de comunicação a ser desenvolvido na escola. As discussões foram diminuindo na medida em que a realidade local se impunha. Este exercício vivo de comunicação comunitária, como já se explanou, procurou cumprir uma abordagem preconizada na própria disciplina, que é a de um fazer comunicacional com a comunidade, da comunidade e para a comunidade, com vistas ao alcance de melhorias sociais. As técnicas foram também muito diversificadas e mudaram na medida em que o projeto se desenvolvia, obrigando alunos e professores, tanto na FMF quanto na Escola José da Luz (alguns voluntários) a manter contato com conteúdos específicos: técnicas de campanha publicitária; desenvolvimento de identidade visual; seleção e catalogação de livros; visitas técnicas; acompanhamento por mídia eletrônica (e-mail, facebook, etc.); campanha de divulgação; voluntariado; captação de patrocínio; design de ambiente para leitura.

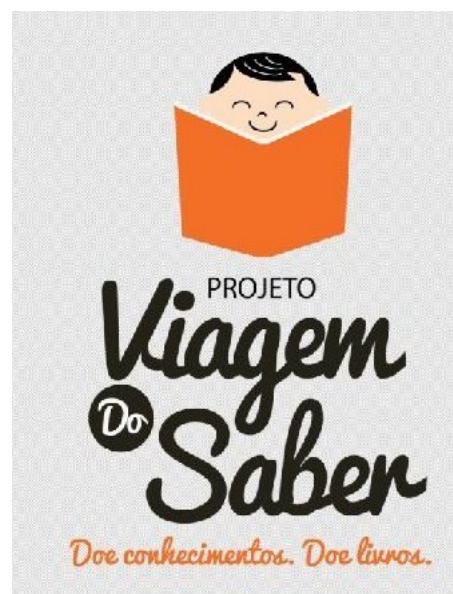
5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A montagem da biblioteca comunitária iniciou na disciplina de Assessoria de Imprensa, no sexto período de Jornalismo. As aulas, ministradas pela professora Elizabeth Cavalcante, subsidiaram a promoção de uma campanha de captação de livros em boas condições de leitura. A primeira fase da campanha foi o desenvolvimento de uma identidade visual com logo própria para cartazes e divulgação em mídias sociais. Iniciou-se com a seguinte ideia:

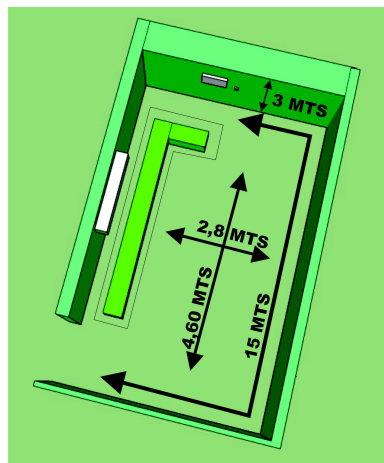


Algumas observações pertinentes surgiram em função desse primeiro cartaz, quais sejam:

- 1º) A Faculdade Martha Falcão deveria estar maior no cartaz, em destaque e com a logo, pois é a instituição que dá credibilidade aos pedidos e do jeito que estava parecia só um detalhe;
- 2º) Retirada da expressão "ação social". Não se tratava disso, mas de um projeto acadêmico de extensão e inserção do curso de comunicação social;
- 3º) "Sabe aquele livro didático e literário que está na sua casa só juntando poeira?" A pergunta deveria ir para o singular, e mais enxuta. "Pode ajudar muito as crianças da Escola Municipal José da Luz, em Manacapuru";
- 4º) "Com a sua ajuda nós vamos montar uma biblioteca para elas!";
- 5º) Inserção da palavra "Projeto" na logo Viagem do Saber;
- 6º) Objetivação das informações de contato;
- 7º) Muita informação para um cartaz em A4. Mudar para A3 e ainda diminuir a quantidade de informação. Chegou-se, assim, ao modelo final:



A campanha de arrecadação de livros também requereu planejamento e foi realizada em vários pontos da FMF e de outras faculdades, bem como por meio de mídias sociais. O retorno foi generoso, centenas de pessoas contribuíram para que os livros surgissem. Mas como todo projeto piloto, a generosa arrecadação dos livros custou à turma de jornalismo uma atenciosa seleção do material doado. Segundo Peruzzo (2004) “o que mais importa é a conjugação de princípios que favoreçam a autogestão popular, o respeito ao interesse social amplo e a inserção das pessoas como protagonistas da comunicação e organização populares”. E aqui entra o interesse da comunidade como protagonista de todas as ações registradas. Os voluntários do laboratório de informática da Escola José da Luz contribuíram, nesta fase, estudando o espaço onde a biblioteca seria montada, como se vê no desenho abaixo, em *silverlight*, feito por eles mesmos. Foi este desenho que o patrocinador da loja de modulados recebeu e foi através dele que o desenho final foi feito:



Na disciplina de Comunicação Comunitária, os alunos de jornalismo, agora então no 7º período, foram divididos em equipes, para promover a inauguração do espaço: 1º Uma equipe de comunicação comunitária, responsável por contatos, viagens, encontros, etc.; 2º Uma equipe de divulgação e cultura, responsável pela confecção de camisetas, levantamento de atrações culturais no dia da inauguração e pela decoração infantil da biblioteca; 3º Uma equipe de patrocínio, responsável pela captação de patrocinadores para a montagem do espaço com mobiliário, tapete, climatização, etc.; 4º Uma equipe de apoio administrativo responsável por ônibus para as viagens e pela liberação de ofícios para as solicitações feitas. A partir do convite feito ao gestor da escola, a turma organizou a vinda da comunidade escolar até a instituição para que houvesse um primeiro envolvimento com aquela

comunidade, o que de fato aconteceu. Com a catalogação concluída, passamos a marcar as datas das viagens. A primeira viagem foi feita para a organização do espaço da biblioteca, limpeza e arrumação, em um dia inteiro de trabalho árduo para os alunos. Esse trabalho depois continuou com os voluntários da escola, que terminaram de montar o mobiliário, arrumar os livros nas prateleiras e descartar materiais não aproveitáveis. No dia 7 de dezembro de 2012 foi inaugurada em Manacapuru, a Biblioteca Escolar José da Luz com o objetivo de levar às crianças, conhecimento e acesso à leitura. O evento de inauguração foi praticamente elaborado pelos professores da escola que fizeram questão de apresentar todos os projetos culturais ali desenvolvidos, entre eles, capoeira, violão, canto coral, teatro e fanfarra.

6 CONSIDERAÇÕES

Ninguém percebe de uma forma absolutamente igual um processo como este, com o qual nos envolvemos durante um ano. São muitas equipes trabalhando simultaneamente. E, no fim, fica o que cada um conseguiu absorver dentro de sua própria ação e envolvimento pessoal. Ao mesmo tempo em que se leva algo para partilhar, também se adquire conhecimento e se cresce pessoalmente.

O 'Viagem do Saber' nasceu por uma necessidade, porém aconteceu por vontade e determinação coletiva. Unir esforços e colocar em prática todo conhecimento absorvido em um ano de curso foi um ganho para os acadêmicos. Perceber as características próprias de uma comunidade trouxe experiência nova. Nada como sair da “zona de conforto” e conferir o resultado prático dos conhecimentos alcançados.

Compromisso moral, coesão social, afetividade, personalidade, compartilhamento, são só alguns elementos com os quais tivemos de lidar durante o tempo do projeto. Elementos estes que comunicam muito das particularidades existentes em cada pessoa envolvida. Nenhuma comunidade é igual. Cada uma tem sua riqueza, sua cultura, seus valores. A única coisa que não as difere, é que todas podem ser chamadas de comunidade justamente pelo ‘sentimento de pertencimento’ que desenvolvem dentro do espaço que compartilham. É esse sentimento, de acordo com Paula Takada, que fará com que os cidadãos saiam do conformismo e passem a lutar pelas melhorias do lugar ao qual pertencem. (Takada: 2009, p.06)

REFERÊNCIAS

CARVALHAL, Antônio Carlos de Oliveira. Comunicação Comunitária: Uma releitura dos principais conceitos. Porto Alegre, 2010.

LEMOS, Marcelo Rodrigues. Sociabilidade em destaque: um ensaio teórico a partir do intercâmbio analítico entre Ferdinand Tönnies e Émile Durkheim. 2010/2011. <http://www.seer.fclar.unesp.br/caderno/aticle>

MACIVER, R.M., PAGE, Charles H. Society: Na Introductory Analysis. In FERNANDES, Florestan. Comunidade e Sociedade. São Paulo: EDUSP, 1973.

PERUZZO, Cícilia M. Krohling. Direito à comunicação comunitária, Participação popular e cidadania. São Paulo, 2004.

_____. Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária. Brasília, 2006.

SOUZA, Juliana Daura de. A biblioteca e o bibliotecário escolar no processo de incentivo à leitura: uma pesquisa bibliográfica. Florianópolis, 2009.

TAKADA, Paula Monteiro. Ensaio sobre os processos de produção e de recepção na comunicação popular e comunitária. Curitiba, 2009.